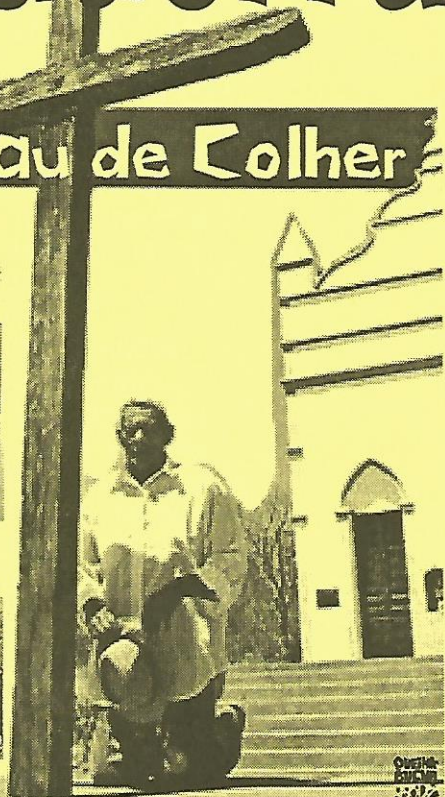
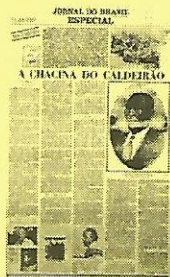


A Guerra

Autor: Medeiros Braga

de Pau de Colher





Queima-Bucha
Autor: Medeiros Braga



A GUERRA DE PAU DE COLHER

"Que se arme o povo, não
De armas materiais,
Mas, de educação política,
Consciência e ideais,
Aí, então, quem trabalha
Vai ver a última batalha
Vitoriosa da paz."

Já falei sobre Canudos,
Descrevi já Caldeirão,
Fiz cordel do Contestado
E também, com emoção,
Do Quilombo dos Palmares
Com Zumbi levando aos ares,
Por seu grito, a insurreição.

Eu agora por meu verso
Falo de Pau de Colher,
Mais uma comunidade
Sem egoísmo qualquer...
Seu trabalho humanitário,
Foi, como comunitário,
Feito por homem e mulher.

Todas cinco, lutadoras,
Têm na história o que contar,
Cada uma com afinho
Veio a se organizar
E com tal luta aguerrida
O então padrão de vida
Pôde seu nível aumentar.

Todas tinham o objetivo
De acordo com cada um
Pelo seu envolvimento
Sem descriminar nenhum
De tornar com liberdade
Tudo na comunidade
Como uma coisa comum.

Colher de Pau encravou-se
Nos sertões lá da Bahia,
Já pertinho do Piauí
Os seus limites fazia,
Tudo era em seu viés
Reduto dos coronéis
Com voraz oligarquia.

Ficava no município
De Casa Nova, vizinho
Lá do Rio São Francisco
Para sorte, tão pertinho
Da corrente a desaguar
Que dava para escutar
Das águas seu burburinho.

No entanto, o progresso
Disfarçado de bonzinho,
De Casa Nova, sua área,
Não restou um só caminho,
Como Canudos em mágoas
Está hoje sob as águas
Da Barragem de Sobradinho.

Porém, foi Pau de Colher,
Naquele tempo brutal
Onde a barbárie atuava
De pistola e de punhal,
Quem, sem temer qualquer clava,
Abria a porta e abrigava
Todo pobre por igual.

Os tratos dos coronéis
E também dos fazendeiros,
A miséria, as ameaças
De jagunços, pistoleiros,
Eram a causa, os horrores,
Para que seus moradores
Procurassem outro parceiro.

O povo em tempo de crise
Não tem pra onde correr,
Se vem um ano de seca
Reza a Deus pra não morrer
Porque quem sempre explorava
Aquele que trabalhava
Foge pra não socorrer.

A saída era fugir
Da sujeição do cambão,
Do trabalho que cumpria
No inverno e no verão,
Pegar tudo sem tremura
E fugir da escravatura,
Da miséria e humilhação.

E nos confins dos estados
Havia com abundância
Muita terra devoluta
Que era uma extravagância,
Área por vez extensiva,
Totalmente, improdutiva,
Mas, com muita substância.

E foi numa dessas áreas
Que Pau de Colher se ergueu,
Um retirante de seca
Por ali apareceu,
Descobriu água e, então,
Plantando milho e feijão
Por lá se estabeleceu.

Daí chegaram uns beatos
Com grande terço, uma cruz,
Uma bíblia empoeirada,
Uma palavra que induz
E assim, despercebidos,
Foram tão bem recebidos
Como se fossem Jesus.

Com a vinda dos beatos
Crescia Pau de Colher,
Muita gente disponível
Para o que der e vier,
Trazendo como doutrina
Toda aquela disciplina
Que o ambiente requer.

Mas também, com o ataque
Do governo federal
Que destruiu Caldeirão
Com bombardeio mortal,
Muitos dos sobreviventes
Fugiram com seus parentes
Para distante arraial.

Foram uns com o beato
Zé Lourenço pra União,
Área de Exu, Pernambuco,
Não longe de Caldeirão,
E outros seguindo a pé
Foram pra Pau de Colher
A procura de algum chão.

Esses seguiram conselho
De Severino Tavares,
Um líder de Caldeirão
Que conhecia tais ares,
Sua estratégia estaria
Entre a bíblia e o que sabia
Do Quilombo dos Palmares.

Tanto é que após a morte
Do padre Cícero Romão
Muitas famílias saíram
Lá do sítio Caldeirão
E irmanados em frente
Seguiam, exatamente,
Pra Pau de Colher, então.

Mas bem antes, no Araripe,
Já tinham conhecimento,
Pois, ali muitos adeptos
Receberam treinamento
Da questão da convivência,
Da luta, da permanência,
De todo doutrinamento.

Por lá quatro lideranças
Eram já bem conhecidas:
O Quinzeiro, Ângelo Cabaça
Com ações comprometidas,
Zé Camillo e Senhorinho
Seguindo o mesmo caminho
Da missão a ser cumprida.

Chegando a Pau de Colher
Sem comida e sem dinheiro
Se integravam aos beatos
Sob as ordens de Quinzeiro
Que com muita boa vontade
Levava tranquilidade
Com seu ar de companheiro.

O Quinzeiro que lá era
Dos beatos o mais atento,
Liderava, espiritual,
No reduto um movimento
De nome "Circo dos Santos"
Que redimia os prantos
Dos fiéis do acampamento.

Comparado a Caldeirão
Não havia diferença,
Tudo era igual: no trabalho,
Na oração e na crença,
Era em ato fraternal
Todo mundo ali igual
Na tarefa, na sentença.

Pelas condições iguais
E o fator dignidade
Três mil almas já estavam
Naquela comunidade,
E devido ao bom padrão
Reduzia-se a migração
Do campo para a cidade.

Pau de Colher se firmava
Tão forte como um penedo,
Melhorando as condições
Com otimismo, sem medo...
Era a razão desse galho
O regime de trabalho,
Trajes, benditos, folguedo.

Para muitos escritores
Comprometidos com a história
Pau de Colher foi mais uma
Massacrada sem vanglória
Porque ela incomodava
Toda elite que se achava
Ameaçada na glória.

Essa elite só pensava
Em riqueza e em poder,
O limite da abundância
Era a medida do ter,
Por conta dessa avareza
Precisava com firmeza
Qualquer revolta conter.

Pau de Colher se formava
Sob a mira da opressão,
Clero, justiça, polícia
E os coronéis de então,
Aos poderosos amigos
Denunciavam os perigos
De alguma insurreição.

Ela assim já levantava
Medo à dominação
Que via no movimento
Mais uma repetição
Do perigo do passado
Dos Palmares, Contestado,
De Canudos, Caldeirão.

Por isso que anunciava
O risco do fanatismo,
A derrocada da igreja
Pelo seu messianismo,
E até com certa pasma,
A denúncia do fantasma
Que ronda do comunismo.

Não deixava parecer
Que ali acontecia
Um problema social
Gigantesco que surgia
Da injustiça da terra
Que concentrada, com guerra,
Só ao grande pertencia.

Também, tentava encobrir
Como ali ou em Caldeirão
Não havendo as injustiças
Do sistema de extorsão,
Eles perdiam, com dores,
Muitos dos seus moradores
Pra "terra da promessa".

Tinham eles medo que
O modelo desse certo
E que fosse copiado
Pelo Brasil insurreto,
O que representaria
Um golpe na burguesia,
Um tiro no seu projeto.

Até os industriais,
Os banqueiros e empresários
Que da força de trabalho
Nordestina são usuários,
Achavam que a insurreição
Era o fim da migração
Que faziam os operários.

Todo dia ali chegava
No arraial novos fiéis,
Homens que executavam
As tarefas mais cruéis
Por salários sem valia,
Tudo gente que fugia
Das terras dos coronéis.

Os coronéis, usineiros,
Com todo poder local
Perdiam força e riqueza
E prestígio como tal
Porque a classe operária
Por sua ação libertária
Dava seu grito, afinal.

Por isso Pau de Colher
Tinha que ser destruída
Com urgência, antes que
Numa ação mais aguerrida
Outras mais comunidades,
Lutando por liberdade,
Retomassem tal medida.

Todo clero corrompido
Fingia que acreditava,
A justiça, servil sempre,
As suas leis emplacava,
A polícia em prontidão
Sem prever a dimensão
Ao massacre se armava.

Enquanto isso se dava
Pau de Colher recebia
Gente que vinha de longe
E dali da cercania,
Vinha apenas com a família
Trazendo como mobília
Os sonhos de um melhor dia.

Raras vezes vinham uns
Com seus filhos e mulher,
Algum animal de carga,
Uma reserva qualquer
Em prata, ouro ou dinheiro
E davam pra o conselheiro
Dali de Pau de Colher.

Vinha gente dos confins
Do estado da Bahia,
Do Ceará, Pernambuco,
Paraíba em romaria,
Do Piauí, firme, forte,
Do Rio Grande do Norte
Que com seu sonho partia.

Igualzinho a Caldeirão
Não havia ali cobiça,
Ninguém usava o dinheiro
Nem riqueza que enfeítica,
E assim, igualitários,
Se tornavam secundários
A polícia e a justiça.

Quem fosse a Pau de Colher
A todos ficava igual,
Não havia rico e pobre
Nesse mundo social,
Não se dava a exploração
Entre empregado e patrão
Tão comum no capital.

Ninguém em Pau de Colher
Tinha a preocupação
Com desemprego e salário,
Com briga por um tostão,
A riqueza produzida
Definia o grau de vida
Da total população.

De orar e trabalhar
Vivia a comunidade,
Ali todos produziam
Conforme a capacidade
E, sem remuneração,
Tiravam da produção
Segundo a necessidade.

O volume produzido
Era entregue para alguém
Que vendia no mercado
E comprando todo bem
Levava à comunidade
E colocava à vontade
De todos num armazém.

O clamor dos coronéis
Que se fazia inclemente
Era pra governadores
E até pra presidente,
Em alerta que descerra
O ministério da guerra
Deveria agir urgente.

Inclusive, o presidente
No caso Pau de Colher
Ameaçou os governos
De depor do cargo até
Quem ficasse indiferente
Ou se mostrasse impotente
Como o combate requer.

Pra isso, enviava armas
Modernas, detonadoras,
Fuzis, as "quarenta e cinco",
Pistolas, metralhadoras,
E se houvesse precisão
Ia até mesmo avião
Com bombas destruidoras.

E lá no mesmo balaio
Era tudo misturado,
Justiça, exército, polícia
E os capangas de lado,
Coronéis, clero, matreiros,
Governantes, pistoleiros
E mais algum alugado.

Nesse escondido rincão
Foi feito a ordem uma só,
Destruir Pau de Colher,
Massacrar duro, sem dó,
Não deixar sobreviventes,
Colocando os insurgentes
Numa vala, feito pó.

Com o poder, o dinheiro
E a comunicação
Que aplaude ou que encobre
Grandes crimes da nação,
O governo, insanamente,
Ordenava de uma gente
A sumária execução.

A imprensa só falava
Da desordem e misticismo,
De um povo seguidor
De beato e fanatismo
Que por ação malfazeja
Pisava na santa igreja
Com o seu messianismo.

Mas, sobre Pau de Colher,
Como ela se formou,
O respeito à disciplina
E o padrão que alcançou,
A imprensa caladinha
Não dispensava uma linha
Pra não irar o opressor.

O governo federal
Uma vez mais fez sentido
Deixou aos interventores
Para que fosse cumprido
Um ultimato no ar:
"Acabem com eles já
Ou serão destituídos".

O governo da Bahia
Vendo tudo se enrolar
Pedi ajuda aos estados
De Pernambuco e Ceará
E assim sendo atendido
Partiu mais fortalecido
No sentido de atacar.

Há um ano já estavam
Os ataques ocorrendo,
Embora as dificuldades
Vinha a luta se mantendo,
Mas as forças estaduais
Com reforços federais
Acabariam vencendo.

No ano de trinta e sete
A polícia da Bahia
Atendendo aos coronéis
Suas investidas fazia,
Isso depois de se unir
Com as forças do Piauí
Que o governo remetia.

Mas, em cada tentativa
Com soldados bem armados,
Com munição, mantimentos
E seus planos estudados,
No que pese tudo em via,
No final, pois, só se via
Os piores resultados.

Dos embates o que restava
Nesse louco frenesi
Eram baixas nas polícias
Da Bahia e Piauí,
Pelo chão armas aos lados
Que deixavam seus soldados
Pela pressa de fugir.

No entanto, em trinta e oito
O Governo Federal
Informado e inconformado
Com o fiasco estadual,
Além do novo ultimato,
Mandou junto um aparato
De reforço especial.

Foram pra Pau de Colher
Polícia de quatro estados:
Pernambuco, Ceará,
Piauí já parceirado,
E além, pois, da Bahia
Uma tropa que havia
Do exército reservado.

E lá na comunidade
Deu logo início à chacina,
Com fuzis, metralhadoras,
Com pistola e carabina
Grupo de homens armados
Começavam pelos lados
A sua carnificina.

No que pese o aparato
Das forças policiais,
Muita fé religiosa
E um pouco de ideais,
Pau de Colher, na verdade,
Com muita dignidade
Enfrentou os seus rivais.

As mulheres decididas
Tiveram ação impoluta,
Sem temer metralhadoras
Nem soldados na disputa,
Armadas só de cacetes,
Sem sequer ter estiletes,
Foram importantes na luta.

Conhecendo o mundo fora,
Os maus tratos de um patrão
As mulheres externavam
Como quem diz com razão
Na meditação arguta:
É melhor morrer na luta
Que viver na escravidão.

Talvez tentando manter
A vida, os filhos, os lares,
Elas partiam pra cima
De grupos de militares
Que respondiam sem falhas
Ao disparar as metralhas,
Levar seus órgãos aos ares.

Não deixou se intimidar
Pela luta desigual,
Com espingarda de caça,
Cacetes feito de pau
Enfrentou essa cilada
Sob o golpe das rajadas
Da metralha e do punhal.

Sem a tática da guerrilha
Pelas matas e ribeiras,
Contra as forças invasoras
Arbitrárias, barulheiras,
Todo um povo sem opção
Atacava um batalhão
Avançando das trincheiras.

Com a ordem de destruir
"A ferro e fogo" o arraial,
Tais forças policiais
E o exército nacional,
Sem cerimônia qualquer,
Foram a Pau de Colher
Com a intenção infernal.

Não queriam nem saber
Sequer de prisioneiro,
De mulher ou velho vivos
No quintal ou no terreiro,
Descoberto o desvalido
Caia logo atingido
Por algum tiro certo.

Decorridos vários dias
De matança sem clemência;
Depois de neutralizar
Os focos de resistência,
Toda de sangue manchada
A bandeira é hasteada
Concluindo a excrescência.

Foram mais de quatrocentas
Pessoas mortas na guerra,
Tudo gente ordeira, simples,
Cuja vida que lhe encerra
Era um canto, uma oração,
Uma vida, uma paixão
18 Ao trabalho, em paz, na terra.

Justificando o massacre
Como uma coisa do bem
As elites brasileiras
Com toda imprensa também,
Repisavam que o inimigo
Representava um perigo
Sem deixar claro pra quem.

Nessa luta pela terra,
De vida em comunidade,
Pau de Colher, nos sertões,
Foi com tal dignidade
O último remanescente
Que deu alto, independente,
Seu grito de liberdade.

Ali em Pau de Colher,
Sem serviços, sem manobra,
Viviam todos felizes
Tendo de tudo e de sobra,
Mas, não... os exploradores
Precisavam dos valores
Da terra e da mão-de-obra.

Foi assim que em trinta e oito
Do século que se passou
A resistência do povo
De Pau de Colher quedou,
Caiu ao golpe mortal
De uma luta desigual
Que o poder articulou.

Pau de Colher tropeçou
Ante um calço federal,
Mas, decerto mais na frente
Virá outra mais frontal,
Porque quem promove a guerra
Nos quatro cantos da terra
É o sistema desigual.

Mas, um dia chegaremos,
Isso está determinado,
O próprio sistema irá
Dar seu toque de finado,
Vai demorar, é verdade,
Mas, da luta a liberdade
Terá o espaço ampliado.

Que se arme o povo, não
De armas materiais,
Mas, de educação política,
Consciência e ideais,
Aí, então, quem trabalha
Vai ver a última batalha
Vitoriosa da paz.

O poder burguês vai ter
A sua paralisia,
Porque um povo educado
Na política, em maioria,
Vai tornar grande a vitória
Sobre a escória que na história
20 Tem nome de burguesia.

Literatura de Cordel

Medeiros Braga

Economista, romancista e poeta. Nasceu na cidade de Nazarezinho, Estado da Paraíba, onde cursou as



primeiras letras. Desde muito cedo interessou-se em conhecer o mundo das letras, sendo que aos treze anos costumava ler os tão apreciados "folhetos de feira" em comunidades rurais para as quais era convidado. Foi aí o seu contato com a literatura popular. Quem conhece o seu trabalho há de concordar que

se trata de uma poesia de cunho político-ideológico, educativa, agradável aos apreciadores, e que muito têm contribuído na formação política dos jovens. Já compôs mais de 70 títulos em cordel, a maior parte versando sobre educação política.



Editora Queima-Bucha

Rua Jerônimo Rosado, 271 - Centro

Mossoró RN - 59610-020

queimabucha@uol.com.br

www.queimabucha.com

